



v. 10, n. 1: 26.º Encontro do Proler Joinville (out. 2020) / 11º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura – 2021 – ISSN 2316-395X

**O “gato preto” em tempo de guerra:  
a recepção do nazismo e da Segunda  
Guerra Mundial no relato de viagem  
*Gato preto em campo de neve*, de  
Erico Verissimo**

**The “black cat” in time of war: the  
reception of Nazism and of the  
Second World War in the trip report  
*Black cat in snow field*, by  
Erico Verissimo**

**El “gato negro” en tiempo de guerra:  
la recepción del nazismo y de la  
Segunda Guerra Mundial en el relato  
de viaje *Gato negro en la nieve*, de  
Erico Verissimo**

---

**Wilson de Oliveira Neto<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade da Região de Joinville (Univille).

**Resumo:** Um dos aspectos das relações entre Estados Unidos e América Latina durante a Segunda Guerra Mundial foi a Política de Boa Vizinhança. Na prática, ela consistiu em diversas iniciativas econômicas, militares, políticas e culturais, em que os Estados Unidos foram apresentados aos países latino-americanos como um paradigma de desenvolvimento a ser seguido, sendo normais as viagens de formadores de opinião latino-americanos ao país, patrocinadas pelo Escritório do Coordenador de Assuntos Interamericanos, sediado em Washington, D.C. De volta aos seus países de origem, esses viajantes redigiram seus relatos, que foram publicados na forma de literatura de viagem. O objetivo deste trabalho é analisar uma dessas obras, o livro *Gato preto em campo de neve*, do escritor brasileiro Erico Verissimo, lançado em 1941. Por meio de uma leitura contextualizada dos registros de Erico Verissimo, o trabalho busca compreender as formas como o nazismo e o conflito então em curso foram recebidos pela opinião pública estadunidense. Até 1941, o governo dos Estados Unidos manteve-se oficialmente neutro diante desse conflito, seguindo uma orientação isolacionista para suas relações internacionais. Contudo, no relato de Verissimo, há diversas menções de situações em que o autor coletou opiniões de cidadãos americanos e de refugiados europeus da guerra e do nazismo que sugerem que, apesar do isolacionismo, existia uma forte consciência da gravidade do conflito em curso e do Nacional-Socialismo.

**Palavras-chave:** Segunda Guerra Mundial; nazismo; Política de Boa Vizinhança; literatura de viagem; Erico Verissimo.

**Abstract:** One aspect of the relationship between the United States and Latin America during the World War II was the Policy of Good Neighborliness. In practice, it consisted of several economic, military, political and cultural initiatives, in which the United States was presented to Latin American countries as a development paradigm to be followed, with trips by Latin American opinion leaders to the United States being normal and sponsored by the Coordinator of Inter-American Affairs Office, based in Washington, D.C. Back to their own countries, these travelers wrote their reports, that were published in the form of travel literature. The aim of this work is to analyze one of these works, the book *Black cat in snow field*, by the Brazilian writer Erico Verissimo, published in 1941. Through a contextualized reading of Verissimo's report, this article seeks to understand the ways in which Nazism and the conflict then in progress were received by the American public opinion. Until 1941, the United States government took officially a neutral position on this conflict, following an isolationist orientation to its international relations. However, in Verissimo's report, there are several mentions of situations in which the author collected opinions from American citizens and European refugees from war and Nazism that suggest that, despite the isolationism, there was a strong awareness of the seriousness of the ongoing conflict and of the Nazi regime.

**Keywords:** World War II; Nazism; Policy of Good Neighborliness; travel literature; Erico Verissimo.

**Resumen:** Un aspecto de la relación entre Estados Unidos y América Latina durante la Segunda Guerra Mundial fue la Política de Buena Vecindad. En la práctica, ella consistió en varias iniciativas económicas, militares, políticas y culturales, en las que Estados Unidos se presentó a los países latinoamericanos como un paradigma de desarrollo a seguir, siendo normales los viajes de líderes de opinión latinoamericanos a los Estados Unidos, patrocinados por la Oficina del Coordinador de Asuntos Interamericanos, con sede en Washington, D.C. De regreso a sus países de origen, esos viajeros escribieron sus historias, que fueron publicadas en forma de literatura

de viaje. El objetivo de este trabajo es analizar una de esas obras, el libro *Gato negro en la nieve*, del escritor brasileño Erico Verissimo, publicado en 1941. Por medio de una lectura contextualizada de los registros de Verissimo, la obra busca comprender las formas como el nazismo y el conflicto entonces en proceso fueron recibidos por la opinión pública estadounidense. Hasta 1941, el gobierno de los Estados Unidos se mantuvo oficialmente neutral ante ese conflicto, siguiendo la orientación aislacionista en sus relaciones internacionales. Sin embargo, en el relato de Verissimo hay muchas menciones de situaciones en las que el autor recogió opiniones de ciudadanos estadounidenses y refugiados europeos de la guerra y del nazismo que sugieren que, a pesar del aislacionismo, existía una fuerte conciencia de la gravedad del conflicto en curso y del nacionalsocialismo.

**Palabras clave:** Segunda Guerra Mundial; nazismo; Política de Buena Vecindad; literatura de viaje; Erico Verissimo.

## INTRODUÇÃO

Em uma entrada feita em seu diário datada de 11 de janeiro de 1934, o jornalista William Lawrence Shirer (s.d.) despedia-se de um ano sabático que passou com sua esposa, Theresa “Tes” Stiberitz, em uma simpática aldeia de pescadores chamada Lloret de Mar, localizada na Catalunha, bem de frente para o Mar Mediterrâneo, no nordeste da Espanha. Para o casal, foi um ano de férias, de um descanso longe de tudo e de todos. “Um ano que não devia ter acabado”, lamenta Shirer (s.d., p. 9).

Contudo, apesar de sabático para o casal, na mesma entrada há o registro sobre o ano que passou, para lá de agitado tanto na América quanto na Europa:

O ano que passou – 1933 – talvez não tenha sido de simples transição para nós, pessoalmente, como também para toda a Europa e América. O que Roosevelt está realizando nos Estados Unidos parece cheirar a uma revolução social e econômica. Hitler e os seus nazistas já se encontram no poder há exatamente um ano, na Alemanha; e os nossos amigos de Viena escrevem-nos dizendo que o fascismo, tanto o local, sujeito a influências burocráticas, como o do tipo de Berlim, está ganhando terreno na Áustria com muita rapidez. Aqui na Espanha a Revolução tem andado bastante séria e o governo direitista de Gil Robles e Alexandre Lerroux parece inclinado a seguir dois caminhos: restaurar a Monarquia ou criar um Estado fascista nos moldes da Itália – talvez as duas coisas (SHIRER, s.d., p. 10).

Dois dias depois, Shirer e Tes partiram para Paris, onde ele trabalhou como correspondente do jornal nova-iorquino *New York Herald Tribune*. De lá, o casal mudou-se para Berlim, cidade em que Shirer trabalhou para a agência de notícias Universal Service. No fim de 1940, o casal encontrava-se de volta aos Estados Unidos, seu país de origem, e, no ano seguinte, as notas que o jornalista fez em seu diário sobre o cotidiano e a política alemã sob o regime nazista foram publicadas na forma de um livro, denominado *Diário de Berlim*<sup>2</sup>.

Originalmente, o recorte temporal da obra está situado entre 1934 e 1941, contudo seu autor retornou à Alemanha em meados de 1945 para realizar a cobertura dos Julgamentos de Nuremberg, nome com o qual ficou internacionalmente conhecido o Tribunal Militar

<sup>2</sup> A primeira edição brasileira da obra é de 1941, pela Livraria José Olympio Editora, da cidade do Rio de Janeiro. Contudo, para este trabalho, foi consultada a edição em três volumes publicada pela Editora Record, também da cidade carioca.

Internacional de Nuremberg, em que foram julgados, entre 1945 e 1949, inúmeros integrantes do extinto regime nacional-socialista por Conspiração para uma Guerra de Agressão, Crimes de Guerra e Crimes Contra a Humanidade, segundo explica Richard Overy (2014). Em 1947, Shirer publicou aquilo que seria o fim do seu diário, iniciado em janeiro de 1934.

As experiências históricas do regime nazista (1933–1945) e da Segunda Guerra Mundial (1939–1945) afetaram intensamente a vida de milhões de pessoas localizadas especialmente na Europa e na América. No caso específico desse conflito, o historiador alemão Reinhart Koselleck (2014, p. 250) apontou:

A Segunda Guerra [Mundial] foi total em todos os aspectos: bombardeios, terror, genocídio, guerra dos *partisans*, o que contribuiu para anular a oposição entre as frentes de batalha e os lares, e, com ela, também a diferença entre os papéis sociais dos gêneros, intensificando o sofrimento comum das famílias. Os papéis sociais tradicionalmente atribuídos a cada gênero provavelmente se transformaram mais durante as guerras do que em qualquer outra circunstância.

O caráter total do conflito ao qual Koselleck (2014) se refere pode ser constatado por meio de um amplo conjunto de fontes históricas, entre as quais se encontra a literatura de não ficção, compreendida como uma das duas grandes divisões das obras literárias, a exemplo dos diários e dos relatos de viagem. Interessa para este trabalho investigar a recepção do nazismo e da Segunda Guerra Mundial na literatura de não ficção produzida durante as décadas de 1930 e 40, nos contextos desses dois fenômenos históricos, sendo seus autores testemunhas diretas ou indiretas do governo de Hitler ou das campanhas e batalhas da Segunda Guerra Mundial em seus teatros de operações espalhados nos continentes e nos oceanos.

Para as circunstâncias em que este trabalho foi concebido, o estudo será limitado somente a uma obra: o relato de viagem *Gato preto em campo de neve*, do escritor sul-riograndense Erico Verissimo (1942).

## DO RIO GRANDE DO SUL AO NORTE DO RIO GRANDE

Erico Lopes Verissimo nasceu em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, em 17 de dezembro de 1905. Ele e seu irmão mais novo, Ênio, eram filhos do casal Sebastião Verissimo da Fonseca e Abegahy Lopes, uma família originalmente abastada, cujo pai era farmacêutico bem-sucedido, porém de tal modo perdulário, levando sua farmácia à falência e ao divórcio o seu casamento (VERISSIMO, 2005).

Foi durante a primeira metade da década de 1930 que Erico Verissimo publicou seus primeiros livros, já casado com Mafalda Verissimo e radicado na capital do Rio Grande do Sul, a cidade de Porto Alegre, onde trabalhou na Livraria do Globo. Não é exagero afirmar que ele foi um dos mais importantes prosadores brasileiros do século passado, autor de obras de ficção e não ficção, com destaque para os contos, os romances, a literatura infantojuvenil e os livros de viagem, dos quais *Gato preto em campo de neve* faz parte (VERISSIMO, 2005).

Erico Verissimo faleceu em 28 de novembro de 1975, vítima de um infarto do miocárdio. Na ocasião, o escritor estava redigindo o segundo volume do seu livro de memórias, planejado a princípio como uma trilogia, publicado postumamente como o segundo volume de *Solo de clarineta* (VERISSIMO, 2005).

### O “feriado de um contador-de-histórias”

“Gato Preto em Campo de Neve” não passa, pois, do relato simples e objetivo de um passeio que foi, antes de mais nada, o feriado dum contador-de-histórias. Viajei como um ser humano interessado principalmente em seres humanos, mas convencido também de que todas as coisas merecem ser vistas [...] porque tudo é expressão de vida e um romancista não deve voltar às costas à vida (VERISSIMO, 1942, p. 7).

É dessa forma despreziosa e um tanto humilde que Erico Verissimo apresenta ao leitor o relato sobre sua viagem aos Estados Unidos, ocorrida no começo de 1941. Apesar de o autor considerá-la o feriado de um contador de histórias, do ponto de vista da história, ela faz parte de um contexto em que a Segunda Guerra Mundial estava cada vez mais próxima das Américas e em que, tendo consciência da necessidade de se preparar para ela, o governo dos Estados Unidos colocou em prática um amplo e audacioso plano que garantiria sua influência cultural, econômica e política sobre as nações latino-americanas conhecido como Política de Boa Vizinhança (MOURA, 1984; LOCASTRE, 2017; TOTA, 2000).

As relações entre os Estados Unidos, o nazismo e a Segunda Guerra Mundial são um tema complexo. Em sua síntese sobre a história desse país durante o século XX, Sean Purdy (2011, p. 217) afirma que a Segunda Guerra Mundial “é comumente vista nos Estados Unidos como uma boa guerra do povo contra o fascismo”, especialmente pelas dimensões humanas e materiais que ela alcançou no país. “O apoio da população à guerra foi quase absoluto, inclusive do CPUSA (Partido Comunista), que trocou de lado quando Hitler invadiu a União Soviética”, revela Purdy (2011, p. 217). De acordo com o autor, para a economia americana, a Segunda Guerra Mundial representou a recuperação dos Estados Unidos dos efeitos da depressão econômica decorrente da Crise de 1929, a exemplo do pleno emprego e de um produto interno bruto que dobrou em quatro anos. Esses fatos, somados às vitórias das forças armadas sobre o Eixo, à coragem e ao heroísmo de muitos cidadãos-soldados e à onipresente propaganda de guerra, contribuíram com a consolidação dessa representação acerca da Segunda Guerra Mundial na memória social dos Estados Unidos.

Todavia, a literatura recente sobre o assunto narra uma história mais complexa e embaraçosa para a memória social estadunidense concernente ao seu país em tempos de nazismo e Segunda Guerra Mundial. No que diz respeito ao Nacional-Socialismo, por exemplo, Jean-Louis Vullierme (2019) aponta para a assimilação do antissemitismo e da supremacia racial de autores americanos, a exemplo de Henry Ford, pelos ideólogos nazistas, como o próprio Adolf Hitler, em *Minha luta*. Ou, para a simpatia com o movimento/regime nacional-socialista pela organização lobista American First. Foi nos textos de Ford que o anticapitalismo nazista se fundamentou e se definiu como a oposição ao “capitalismo racial da multinacional judaica” (VULLIERME, 2019, p. 45).

Em sua tese sobre as relações militares entre o Brasil e os Estados Unidos de 1939 a 1943, Giovanni Latfalla (2019) caracteriza a política externa estadunidense como de uma neutralidade radical diante dos conflitos políticos e militares da Europa. O envolvimento com a Primeira Guerra Mundial (1914–1918), a Crise de 1929 e a crença de que a projeção internacional dos Estados Unidos se daria por meio do seu poder econômico e não militar promoveram uma política externa isolacionista pelo menos até o fim da década de 1930. A força política do isolacionismo foi tão grande que chegou a levar à existência “de quatro leis de neutralidade entre 1935 e 1937”, menciona Latfalla (2019, p. 23).

De qualquer modo, essa situação começou a mudar com a reeleição de Franklin Delano Roosevelt para a presidência dos Estados Unidos, em 1936, e com a Crise dos Sudetos, em 1938, cujo desfecho foi a malfadada Conferência de Munique:



A partir de Munique, uma maior atenção passou a ser dada à situação defensiva do país e do restante do continente americano, pois parte do governo dos [Estados Unidos] EUA verificava com enorme preocupação a penetração alemã em vários países, inclusive no Brasil. Também via na perda da influência no restante da América um meio facilitador para a própria derrocada dos EUA (LATFALLA, 2019, p. 27).

Nessas circunstâncias, a partir do momento em que o governo dos Estados Unidos começou a considerar seriamente o seu envolvimento com a Segunda Guerra Mundial e sua segurança continental, o Brasil passou a ser enxergado como um importante aliado, cuja adesão para a causa da defesa da América era essencial (LATFALLA, 2019).

No contexto em que negociações militares e políticas foram iniciadas entre os Estados Unidos e o Brasil, assim como as demais nações da América Latina, a Política de Boa Vizinhança tornou-se uma frente da ofensiva americana sobre os países latino-americanos, com vistas a consolidar sua hegemonia continental por meio de uma diplomacia cultural em que os Estados Unidos foram apresentados às elites latino-americanas como um paradigma de progresso, segundo defende Aline Vanessa Locastre (2017).

A ofensiva cultural dos Estados Unidos no Brasil e nos demais países da América Latina foi planejada e executada, principalmente, pelo Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA). O Escritório de Coordenação de Assuntos Interamericanos, como também é conhecido entre os seus estudiosos, existiu entre os anos de 1940 e 1946. Não foi a primeira agência criada pelo governo estadunidense para estreitar os laços culturais com os países da América Latina, porém foi a organização do gênero mais importante durante a Segunda Guerra Mundial, abrangendo a iniciativa privada e o poder público, além de atuar em larga escala (LOCASTRE, 2017).

No Brasil, o escritório do OCIAA foi aberto em agosto de 1941. Suas ações visaram veicular e inculcar entre as elites brasileiras uma imagem positiva dos Estados Unidos que anulasse a influência de outras potências, a exemplo da Alemanha. De acordo com Locastre (2017, p. 43), lançando mão de características do “cotidiano, da educação, da organização política ou de ‘notórios’ valores morais, passava-se a vender uma sociedade, que, aos poucos, tornava-se admirada e lentamente, almejada”.

A representação brasileira do OCIAA foi dividida nos seguintes subcomitês: Rádio; Relações Culturais; Esportes e Relações Pessoais; Imprensa e Publicações; Cinema; e Finanças. Assim como em outros países da América Latina, o comitê central do OCIAA no Brasil estava localizado na capital, na época a cidade do Rio de Janeiro, e foram instalados subcomitês em capitais estaduais ou grandes cidades: São Paulo, Salvador, Recife, Natal, Fortaleza, Belém, Manaus, Curitiba, Vitória, Santos, Florianópolis, Belo Horizonte e Porto Alegre. A sede do comitê central foi instalada na Avenida Graça Aranha, 182, na cidade carioca. Entre 1941 e 1944, o comitê brasileiro foi presidido por Berent Friele e, em março de 1944, este foi substituído por Frank Nattier (LOCASTRE, 2017).

Um aspecto importante na assimilação do sentimento pan-americanista pelas elites brasileiras da época foram as viagens aos Estados Unidos patrocinadas pelo OCIAA. Foi grande a quantidade de acadêmicos, escritores, jornalistas e demais formadores de opinião convidados a conhecer o país, por meio de viagens planejadas nos mínimos detalhes pela agência dirigida por Rockefeller. Afinal, o “olhar que tais viajantes estabeleciam com a terra de Tio Sam, tornaram-se palestras, ou mesmo livros para circulação nacional”, destaca Locastre (2017, p. 189).

Ainda em Locastre (2017, p. 190), os viajantes brasileiros “ficaram inebriados com o que viram: uma poderosa e progressista nação, onde as pessoas gozavam de bem-estar, liberdade de credo e opinião e desfrutavam do conforto e dos benefícios que o avanço tecnológico poderia lhes oferecer”. A autora conclui: “Os brasileiros que chegavam aos Estados Unidos

pareciam buscar ou estabelecer uma relação de proximidade com a terra progressista que viam e que supunham, um dia, implementar no Brasil” (LOCASTRE, 2017, p. 191).

Foi nessas circunstâncias que Erico Verissimo partiu para o seu “feriado” do Rio Grande do Sul para um país localizado ao norte do Rio Grande, os Estados Unidos.

## O NAZISMO E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL EM *GATO PRETO EM CAMPO DE NEVE*

A ideologia e o regime nacional-socialista e a Segunda Guerra Mundial não são temas pontuais no relato de viagem de Erico Verissimo (1942). A edição consultada para este trabalho possui um total de 420 páginas, divididas em 15 capítulos, baseados no itinerário do autor nos Estados Unidos, de Washington a Hollywood. Durante sua viagem, Verissimo (1942) teve encontros com os mais importantes autores de sua época, a exemplo de Aldous Huxley, Pearl S. Buck e Thomas Mann. Além desses e de outros intelectuais, o pai do Capitão Rodrigo encontrou-se com autoridades políticas do governo Roosevelt, membros da alta sociedade americana e refugiados do nazismo e da guerra na Europa. Coerente com o princípio de que “todas as coisas merecem ser vistas”, Verissimo (1942, p. 7) registrou impressões e trechos de conversas ocasionais com pessoas comuns cujos caminhos se cruzaram com os dele durante sua viagem. O nazismo e a Segunda Guerra Mundial foram assuntos recorrentes em diversas situações, presentes do início ao fim do livro.

As circunstâncias em que a guerra e o Nacional-Socialismo foram abordados são variadas, assim como os interlocutores do escritor-viajante, a exemplo de Olenka, uma cidadã polonesa de “olhos tristes” que o autor conheceu durante sua viagem de navio rumo aos Estados Unidos. Natural da Cracóvia e fluente em francês, Olenka contou a ele sobre a violência da invasão alemã à Polônia, que consumiu as vidas de três dos seus cinco irmãos. Na condição de refugiada, informa Verissimo (1942), ela serviu durante alguns meses em um hospital militar na França: “- Se o senhor visse o que eu vi - murmura a polonesa, com os olhos tristes fitos nas ondas - decerto nunca mais escreveria romances. Porque havia de ver como a ficção é pobre e ridiculamente inexpressiva diante da realidade. A vida é muito mais fantástica, muito mais cruel...” (VERISSIMO, 1942, p. 25).

Ao que parece, não houve outro encontro com Olenka. Além dos seus olhos tristes, de ser natural da Cracóvia e de ter sido uma das inúmeras vítimas da invasão alemã à Polônia, o autor nada mais informa acerca de sua pessoa, que faz parte dos tipos humanos relatados pelo autor em seu primeiro capítulo.

Verissimo (1942) viajou a bordo do navio *Argentina*, que partiu da cidade do Rio de Janeiro e atracou no porto de Nova York, nos Estados Unidos. A embarcação, segundo o autor, oferecia aos seus passageiros uma biblioteca, cujo encarregado era um “judeu de testa muito alta e nariz adunco, em que se acavalavam enormes óculos professorais” (VERISSIMO, 1942, p. 25). Sempre que ia ao local buscar livros ou revistas, esse homem fazia “doutas preleções sobre a situação mundial, o racismo e a literatura”, relata Verissimo (1942, p. 25), que estranhou certa “filosofia” de seu interlocutor:

- Não creio no céu nem no inferno. Deus não existe fora de nós. Deus está aqui. - afirma num cochicho teatral, batendo com o indicador da mão direita em cima do bolso do dólma, à altura do coração - Aqui dentro.
- E o Deus de Hitler? - pergunto-lhe um dia.
- Hitler não tem Deus. Mas eu creio numa Justiça Suprema perante a qual ele terá de prestar contas, no dia do Juízo (VERISSIMO, 1942, p. 25).

Após desembarcar em Nova York, o escritor dirigiu-se ao Savoy-Plaza Hotel, localizado na esquina da Quinta Avenida com a Rua 59. O edifício em que o estabelecimento estava localizado foi inaugurado em 1º de outubro de 1927, uma construção com 33 andares com vista para o Central Park. Após décadas de funcionamento, o edifício foi demolido, em 1964 (NEW YORK ARCHITECTURE, 2020).

No saguão do hotel, Verissimo deparou com uma cena que chamou sua atenção: um grupo de mulheres ostentando “joias faiscantes e finos casacões de pele, acompanhadas de homens de sobretudos escuros com gola de pele, chapéu de coco e mãos enluvadas” (VERISSIMO, 1942, p. 36). As mulheres estavam maquiadas e com expressão *blasé*. Seus acompanhantes tinham os rostos pálidos e ar de fim de raça, confidencia o autor. Curioso com tal cena, ele descobriu que se tratava de “franceses ricos fugidos à invasão alemã” (VERISSIMO, 1942, p. 36).

Olenka, a polonesa de olhos tristes, e os ricos franceses de rostos pálidos e indiferentes. Em poucos dias de viagem, o escritor entrou em contato com os efeitos de uma guerra que foi total para todos, independentemente de nacionalidade ou de condição social, tal como afirma Koselleck (2014). Na mesma descrição, Verissimo (1942) rotula os franceses ricos com os quais cruzou no saguão do Savoy-Plaza como representantes de uma espécie em extinção, como os búfalos e as girafas estão fadados a desaparecer. Não seria aí o prelúdio do colapso total da civilização europeia representado pela própria Segunda Guerra Mundial, conforme constatou Ian Kershaw (2016)?

De Nova York, Erico Verissimo (1942) foi para a capital dos Estados Unidos, a cidade de Washington, D.C. Ali, o autor passou o dia em Silver Springs, uma localidade situada nos arredores dessa cidade, acompanhado pelos Ray, um casal que, na época, possuía um filho chamado Walter, de 4 anos de idade. Durante o almoço, o pequeno Walter interpelou Verissimo (1942, p. 65-66) com o seguinte diálogo:

- Viste a parada o outro dia?
  - Vi no cinema.
  - Na vida não?
  - Não.
  - Sabes para que são aqueles canhões?
  - Não.
- Os olhinhos azuis fuzilaram. A mão rosada empunha agressivamente a colher.
- Para matar Hitler. Sabes quem é Hitler?
  - Não.
  - Oh! Tu não sabes nada! Hitler é um homem mau que não gosta de nós. Vamos mandar nossos soldados para brigar com os dele.

Para o pequeno Walter, Adolf Hitler é um homem mau, numa versão infantil de um por que lutamos?, ou daquilo que seria a boa guerra da liberdade contra a escravidão, da democracia contra o fascismo. Nas páginas e nos capítulos seguintes, a maldade de Hitler é completada pelo fanatismo de seus soldados, que, educados para a morte, em alusão ao livro de Gregor Ziemer (1942), levam às últimas consequências a devoção ao seu líder.

- Uma vez, um padre católico se aproximou do leito de um soldado alemão moribundo e lhe disse: “Sei que o senhor não é católico, mas o meu dever de sacerdote é dar-lhe conforto espiritual. Qual é o seu último desejo?”. E o soldado, com voz que mal se ouvia, balbuciou: “Quero ver outra vez o meu *Führer*” (VERISSIMO, 1942, p. 103).



Mais adiante, outro relato sombrio: “– Vi um avião alemão ferido morder o dedo da enfermeira que lhe fazia curativos. E como ela perguntasse depois por que era que os alemães não poupavam as mulheres e as crianças, o ferido respondeu seco: ‘É a guerra’” (VERISSIMO, 1942, p. 103).

O caso do avião alemão ferido vai ao encontro do trabalho de Sönke Neitzel e Harald Welzer (2014) sobre a violência extrema e, muitas vezes, criminosa perpetrada pelas forças armadas da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. De acordo com os autores, massacres de civis e de prisioneiros, estupros coletivos ou individuais, pilhagens e saques, torturas e a mobilização de recursos humanos e materiais não são, necessariamente, uma novidade na história das guerras, contudo a Segunda Guerra Mundial, segundo eles, levou esses fatos a níveis de intensidade até hoje inéditos, que tornaram o ato de matar combatentes e não combatentes algo absolutamente normal. “É a guerra...”

A historiografia contemporânea sobre a Segunda Guerra Mundial entende que toda essa violência liberada durante o conflito não foi exclusiva das potências do Eixo, mas praticada em circunstâncias distintas por todos os países beligerantes, como é possível constatar em sínteses históricas escritas por autores tais como Antony Beevor (2015), Ian Kershaw (2016) e Richard Overy (2014). Porém, no contexto do envolvimento e da participação dos Estados Unidos na guerra, esse tipo de representação foi potencializado pela propaganda de guerra, de acordo com a obra de Phillip Knightley (1978).

Os valores e as virtudes dos americanos são o contraponto ao fanatismo e mesmo à maldade dos nazistas, conforme sugerem os registros das conversas e dos encontros de Verissimo (1942) especialmente com autoridades públicas e intelectuais estadunidenses. Aliás, eis algo importante a ser mencionado: para o imaginário aliado, durante a Segunda Guerra Mundial, não havia diferenciação entre alemães e nazistas. Em nível de retórica, veiculada por inúmeros meios de comunicação, a exemplo da imprensa periódica, ambos eram a mesma coisa (OLIVEIRA NETO, 2020).

Mas quais valores e virtudes? O capitalismo, o direito e a moral, por exemplo, foram destacados pelos interlocutores de Verissimo (1942), como em uma conversa com Herbert Feis, na época conselheiro econômico do Departamento de Estado do governo dos Estados Unidos, durante um jantar na residência do embaixador do Brasil Carlos Martins. Ou em um evento promovido pela família Moorhead, em que um dos seus comensais, o Dr. Warren, fez a seguinte previsão:

Que virá depois desta guerra? – pergunta alguém. – Uma nova ordem ou o caos?

– Ganhe quem ganhar a guerra – afirma o Dr. Warren, com sua voz estridente – o mundo tem de voltar ao regime da lei. Os homens não podem viver sem a lei. – Bate com o punho na mesa. – E seja qual for o resultado do presente conflito, a economia do futuro deverá ser dirigida (VERISSIMO, 1942, p. 89).

A defesa da democracia é outro argumento listado que aparece nesse relato de viagem para justificar a luta contra o Eixo, a exemplo de um orador popular que estava a discursar no Columbus Circle, uma grande rotatória localizada na cidade de Nova York, perto do Central Park, um local, segundo Erico Verissimo (1942), tomado pelos oradores populares que discutiam os mais variados temas, entre os quais a guerra: “Mais adiante, outro discursador clama contra os bárbaros e concita a América a pegar em armas em defesa da democracia. Raro é o dia em que não há no Columbus Circle um comício popular. Discutem-se problemas de classe, assuntos religiosos, política internacional” (VERISSIMO, 1942, p. 135).

Próximo ao orador que defendia o ingresso da América na guerra, outro criticava a política de Roosevelt, além de afirmar que eles, os americanos, não tinham interesse em ajudar os plutocratas a vencer a guerra em curso. Enquanto isso, policiais rondavam o local, não para vigiar conteúdos inapropriados, mas para garantir a liberdade de expressão das pessoas presentes (VERISSIMO, 1942).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o Brasil tenha entrado na Segunda Guerra Mundial somente em meados de 1942, as circunstâncias que levaram ao início desse conflito não passaram despercebidas por diversos autores brasileiros que, durante as décadas de 1930 e 40, viajaram pela Europa ou pelos Estados Unidos, a exemplo de Lindolfo Collor (s.d.), que esteve no continente europeu entre 1938 e 1939 e, após seu retorno ao Brasil, publicou o relato *Europa 1939*, ou o próprio Erico Verissimo (1942), com *Gato preto em campo de neve*, cuja viagem narrada se deu sob os auspícios da Política de Boa Vizinhança.

Esses e outros trabalhos encontram-se nas fronteiras entre a literatura e a história, fontes importantes para a compreensão de como ocorreu a recepção do nazismo e da Segunda Guerra Mundial no Brasil por intermédio dos seus diplomatas, escritores, jornalistas, políticos e outros formadores de opinião. Um tema que, no presente, ganha muita força, na medida em que deparamos com os usos políticos da história e com falácias, tais como a negação do Holocausto e a adoção de ideias e práticas por governos nacionais e internacionais que lembram os “fascismos históricos”, do qual o movimento/regime nacional-socialista faz parte, conforme denunciam Madeleine Albright (2018) e Umberto Eco (2018).

## REFERÊNCIAS

ALBRIGHT, Madeleine. **Fascismo**: um alerta. São Paulo: Crítica, 2018.

BEEVOR, Antony. **A Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

COLLOR, Lindolfo. **Europa 1939**. Rio de Janeiro: Emiel, [s.d.].

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

KERSHAW, Ian. **De volta do inferno**: Europa, 1914–1949. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KNIGHTLEY, Phillip. **A primeira vítima**: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2014.

LATFALLA, Giovanni. **Relações militares Brasil-EUA 1939/1943**. Rio de Janeiro: Gramma, 2019.

LOCASTRE, Aline Vanessa. **Seduções impressas**: a difusão do paradigma estadunidense no Brasil em época de Segunda Guerra Mundial. Curitiba: CRV, 2017.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**: a penetração cultural americana. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. v. 91. (Tudo é História.)

NEITZEL, Sönke; WELZER, Harald. **Soldados**: sobre lutar, matar e morrer. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

NEW YORK ARCHITECTURE. **Savoy-Plaza Hotel**. Disponível em: <https://www.nyc-architecture.com/GON/GON024.htm>. Acesso em: 2 nov. 2020.

OLIVEIRA NETO, Wilson de. Alemães ou nazistas? A construção do inimigo alemão na propaganda de guerra americana veiculada na imprensa durante a Segunda Guerra Mundial. **Vozes, Pretérito & Devir**, Teresina, v. 10, n. 1, p. 79-97, 2020.

OVERY, Richard. **A vitória final**: a Segunda Guerra Mundial termina e a Guerra Fria começa. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2014. v. 20. (As Grandes Guerras Mundiais.)

PURDY, Sean. A Segunda Guerra Mundial e os EUA como "world cop". In: KARNAL, Leandro et al. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SHIRER, William Lawrence. **Diário de Berlim**. Rio de Janeiro: Record, [s.d.]. 3 v.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VERISSIMO, Erico. **Gato preto em campo de neve**. 3. ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942.

VERISSIMO, Erico. **Solo de clarineta**: memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 2 v.

VULLIERME, Jean-Louis. **Espelho do Ocidente**: o nazismo e a civilização ocidental. Rio de Janeiro: Difel, 2019.

ZIEMER, Gregor. **Educando para a morte**: aspectos da educação nazista. Rio de Janeiro: Editorial Calvino, 1942.